

CORNELIA FUNKE

MORTE DE TINTA

Ilustrações
Cornelia Funke

Tradução
Carola Saavedra

3^a reimpressão

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2007 by Cecilie Dressler Verlag
GmbH & Co. KG, Hamburgo, Alemanha

A publicação desta obra recebeu
o apoio do Instituto Goethe.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Tintentod

Capa

Cornelia Funke

Preparação

Carlos Alberto Bárbaro

Revisão

Carmen S. da Costa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Funke, Cornelia

Morte de tinta / Cornelia Funke ; tradução Carola Saavedra ;
ilustrações da autora. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Tintentod.

ISBN 978-85-359-1706-2

1. Literatura juvenil. I. Título.

10-05863

cdd-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário



1. Nada além de um cachorro e uma folha de papel, 15
2. Somente um vilarejo, 19
 3. Prata escrita, 28
 4. Roupas de tinta, 39
5. Fenoglio tem pena de si mesmo, 48
 6. Triste Ombra, 61
 7. Uma visita perigosa, 72
 8. A dor de Roxane, 84
 9. Artimanha, 87
10. Como se nada tivesse acontecido, 101
 11. Doente de saudade, 108
12. Novamente a serviço de Orfeu, 112
 13. No meio do coração, 122
 14. Notícia de Ombra, 125
15. Palavras em voz alta, palavras em voz baixa, 135
 16. A oferta do Pífarro, 140
 17. O falso medo, 152
18. Um ajudante perigoso, 158
 19. Mão de soldado, 167
20. Uma noite insone, 172
 21. Palavras más, 178
22. Mordendo a isca, 183

- 23. O cemitério dos menestréis, 189
 - 24. Culpa, 196
 - 25. Fim e começo, 200
 - 26. Uma voz conhecida, 206
 - 27. Perdido e de volta, 209
 - 28. Uma nova canção, 212
- 29. Visita no porão de Orfeu, 217
- 30. O fogo do Pássaro Tisnado, 228
 - 31. A resposta do Gaio, 235
 - 32. Finalmente, 243
 - 33. Ervas para a Feia, 248
 - 34. Queimadas, 257
 - 35. A próxima estrofe, 263
 - 36. A visita surpresa, 271
 - 37. Apenas uma gralha, 278
 - 38. Lembranças ao Pífaro, 290
 - 39. Crianças roubadas, 297
 - 40. Uma nova gaiola, 303
- 41. Imagens feitas de cinzas, 311
- 42. A audiência com o Cabeça de Víbora, 319
- 43. Quatro frutas vermelhas, 335
 - 44. A mão da morte, 339
 - 45. Escrito e não escrito, 348
 - 46. O Castelo no Lago, 356
- 47. O papel das mulheres, 364
 - 48. A espera, 368
- 49. Novos e antigos senhores, 377
 - 50. Velho preguiçoso, 389
 - 51. Os falsos ajudantes, 398
- 52. Os mortos na floresta, 403
- 53. Ninhos de humanos, 407
- 54. Um sussurro branco, 418
 - 55. Na hora errada, 424
 - 56. Fogo e escuridão, 431
 - 57. Tarde demais?, 440

- 58. Ajuda das distantes montanhas, 445
 - 59. O anjo do Gaio, 451
 - 60. Mãe e filho, 459
 - 61. Trocando de roupa, 466
 - 62. Negro, 471
 - 63. Ah, Fenoglio!, 479
 - 64. Luz, 486
 - 65. Visível, 490
 - 66. Amor vestido de ódio, 494
 - 67. O outro nome, 499
 - 68. De volta, 503
 - 69. Na câmara do Cabeça de Víbora, 508
 - 70. Palavras em chamas, 515
 - 71. O Encadernador, 519
 - 72. Tantas lágrimas, 523
 - 73. O íncubo, 529
 - 74. A outra página, 534
 - 75. O livro, 537
 - 76. A noite branca, 541
 - 77. Fim, 543
 - 78. A carta errada, 546
 - 79. Partida, 551
 - 80. Ombra, 556
 - 81. Mais tarde, 561
- Quem é quem, 565
- Referências bibliográficas, 571

1. *Nada além de um cachorro e uma folha de papel*



*Ouçam, o passo da noite morre
no vasto silêncio;
a luz sobre a minha escrivaninha canta
baixo como um grilo.*

*Douradas sobre a estante
brilham as lombadas dos livros:
pilares para as pontes
da viagem ao país das fadas.*

Rainer Maria Rilke, “Larenopfer”/ *Vigilien III*



A luz da lua se derramava pelo roupão de Elinor, pela sua camisola, seus pés descalços, e pelo cachorro deitado a seus pés. O cachorro de Orfeu. Ele a fitava com seus olhos de permanente tristeza. Como se ele se perguntasse por que, com tantos aromas inquietantes no mundo, ela estava ali no meio da noite, sentada em sua biblioteca, rodeada de livros silenciosos, olhando para o nada.

— É, por quê? — perguntava-se Elinor em meio ao silêncio.

— Porque eu não consigo dormir, seu bicho burro. — Mesmo assim deu-lhe uns tapinhas na cabeça. “A que ponto chegamos, Elinor!”, pensou, enquanto se levantava com dificuldade da poltrona. “Agora você passa a noite conversando com um cachorro. Isso porque você não suporta cães, e este menos ainda, que a cada respiração arfante te faz lembrar do seu detestável dono!”

Sim, ela ficara com o cão, apesar da lembrança dolorosa que ele provocava, e também com a poltrona, apesar da Gralha ter sentado nela. Mortola... Quantas vezes ela imaginou ter ouvido a sua voz ao entrar na biblioteca silenciosa, quantas vezes vira Mortimer e Resa parados entre as estantes, ou Meggie, sentada em frente à janela, um livro no colo, o ros-

to escondido por trás dos cabelos lisos e louros... Lembranças. Era tudo o que lhe restava. Nem um pouco mais concretas do que as imagens evocadas pelos livros. Mas o que restaria se ela perdesse também essas lembranças? Então, ficaria definitivamente sozinha outra vez — com o silêncio e o vazio em seu coração. E um cão feio.

Seus pés pareciam tão envelhecidos sob a pálida luz da lua. “O luar!”, pensou, enquanto mexia os dedos. Tantas histórias nas quais possuía poderes mágicos. Tudo mentira. A sua cabeça inteira estava entupida de mentiras impressas. Nem mesmo para a lua ela conseguia olhar sem que sua vista ficasse obscurecida por uma nuvem de letras. Se fosse possível apagar todas as palavras do cérebro e do coração e ver o mundo apenas com os próprios olhos, uma vez que fosse!

“Céus, Elinor, você está novamente com esse humor maravilhoso!”, pensou, enquanto tateava até a vitrine onde guardava o que Orfeu deixara para trás, além do cachorro. “Você se banha em autocomiseração da mesma forma que esse cachorro burro em cada poça d’água que encontra.”

A folha de papel por trás do vidro protetor parecia insignificante, nada além de uma folha de papel comum, pautada, e escrita com letra espremida e tinta azul-pálido. Nem comparação com os livros suntuosamente ilustrados da outra vitrine — mesmo que se percebesse em cada letra o quanto Orfeu estava convencido de si mesmo. Tomara que os elfos de fogo tenham lhe queimado aquele sorriso autocomplacente dos lábios!, pensava Elinor enquanto abria a vitrine. Tomara que os encouraçados o tenham espetado com suas lanças — ou, melhor ainda: que ele tenha morrido de fome na Floresta sem Caminhos, bem, bem lentamente. Não era a primeira vez que ela traçava o triste fim de Orfeu no Mundo de Tinta. Seu coração solitário tinha prazer com essas imagens, mais do que com qualquer outra coisa.

A folha de papel já estava ficando amarelada. Papel barato. Ainda por cima. E aquelas palavras, nem dava para imaginar que elas haviam transportado o seu autor para outro mundo, bem diante dos olhos de Elinor. Ao lado da folha de papel havia três fotos — uma de Meggie e duas de Resa, uma de quando era criança e outra tirada havia poucos meses, na qual ela aparecia ao lado de Mortimer. Os dois tão sorridentes. Tão felizes. Não passava uma noite sem que Elinor contemplasse aquelas fotos. Ao menos já não lhe escorriam as lágrimas pelo rosto, mas elas continua-

vam ali, no seu coração. Lágrimas salgadas. O coração a ponto de transbordar. Uma sensação horrível.

Perdidos.

Meggie.

Resa.

Mortimer.

Fazia quase três meses que eles haviam desaparecido. No caso de Meggie eram inclusive alguns dias a mais...

O cachorro se espreguiçou e veio trotando sonolento em sua direção. Ele enfiou o focinho no bolso do seu roupão, na certeza de que ali sempre encontraria alguns biscoitos para cães.

— Está certo, está certo — murmurou ela enquanto lhe colocava uma daquelas coisinhas malcheiroosas na boca. — Onde está o seu dono, hein? — Ela aproximou a folha de papel do seu nariz e o idiota a cheirava como se realmente pudesse sentir o cheiro de Orfeu por trás das letras.

Elinor olhou fixamente para as palavras pronunciando-as: *Nas ruelas de Ombrá...* Quantas vezes nas últimas semanas ela estivera assim à noite, rodeada de livros que não significavam mais nada desde que ficara novamente sozinha com eles. Eles se calavam, como se soubessem que ela os trocaria sem pensar duas vezes pelas três pessoas que havia perdido. Perdido dentro de um livro.

— Eu vou aprender, maldita seja! — Sua voz soou teimosa como a de uma criança. — Eu vou aprender a ler de modo a que os livros tenham que engolir a mim também, ah, se vou!

O cachorro olhava para ela como se acreditasse em cada uma das suas palavras, mas Elinor não acreditava em nada do que dizia. Não. Ela não era uma língua encantada. Mesmo que tentasse uma dúzia de anos mais e continuasse tentando — as palavras não ressoavam quando ela as pronunciava. Elas não cantavam. Não como com Meggie e Mortimer — ou o três vezes amaldiçoado Orfeu. Apesar de ela tê-las amado tanto durante toda a sua vida.

A folha tremia entre os seus dedos quando ela começou a chorar. Ali estavam elas novamente, as lágrimas, apesar de tê-las segurado por tanto tempo, todas as lágrimas em seu coração. Ele simplesmente transbordara. Elinor soluçava tão alto que o cachorro se encolheu assustado. Era absurdo que escorresse água dos olhos quando o que doía era o coração. Nos livros, as heroínas trágicas costumavam ser terrivelmente lindas. Nem

uma palavra sobre olhos inchados ou um nariz vermelho. “Eu sempre fico com o nariz vermelho quando choro”, pensou Elinor. “Talvez por isso eu não apareça em livro nenhum.”

— Elinor?

Ela se virou e secou rapidamente as lágrimas do rosto.

Darius estava ali junto à porta, vestindo o roupão grande demais que ela havia lhe dado de presente no seu último aniversário.

— O que foi? — falou com aspereza. Onde estava aquele lenço novamente? Fungando, ela o tirou da manga e limpou o nariz. — Três meses, faz três meses que eles desapareceram, Darius! Por acaso não é razão para chorar? É. Não me olhe assim tão compadecido com seus olhos de coruja. Não importa quantos livros nós compremos — ela apontou com um gesto amplo para a estante repleta —, tanto faz quantos nós arrematemos, troquemos, roubemos. Nenhum deles me diz o que eu quero saber! Milhares de páginas, e em nenhuma delas há uma única palavra sobre quem eu quero ouvir. Do que me interessam todos os outros? Eu quero ouvir somente a história deles! Como está Meggie? Como estão Resa e Mortimer? São felizes, Darius? Estão vivos? Será que eu vou voltar a vê-los algum dia?

Darius passou os olhos pelos livros, como se pudesse encontrar a resposta em algum deles. Mas então ele se calou, assim como todas aquelas páginas impressas.

— Vou buscar um copo de leite com mel para você — disse ele finalmente e desapareceu em direção à cozinha.

E Elinor ficou novamente só com todos aqueles livros, o luar e o cão feio de Orfeu.

2. Somente um vilarejo



*O vento era uma torrente de escuridão entre as árvores tempestuosas,
A lua era um galeão fantasmagórico, arremessado sobre mares nebulosos,
A estrada era uma faixa de luar sobre o pântano roxo,
E o salteador veio vindo —
Vindo — vindo —
O salteador veio vindo, até a velha porta da estalagem*

Alfred Noyce, *O salteador*



As fadas já começavam a dançar entre as árvores, enxames de pequenissimos corpos azuis. Suas asas capturavam a luz das estrelas, e Mo notou que o Príncipe Negro olhava preocupado para o céu. O céu continuava tão negro como os morros em volta, mas as fadas nunca se enganavam. Somente a manhã que se aproximava poderia atraí-las para fora de seus ninhos numa noite tão fria como aquela, e o vilarejo, cuja colheita os ladrões queriam salvar dessa vez, ficava perigosamente perto de Ombra. Assim que amanhecesse eles teriam que partir.

Uma dúzia de cabanas miseráveis, um par de campos pobres e pedregosos, e um muro que mal poderia conter uma criança, muito menos um soldado — isso era tudo. Um vilarejo como tantos outros. Trinta mulheres, nenhum homem e três dúzias de crianças sem pai. Dois dias antes, no vilarejo vizinho, os soldados do novo governador tinham levado quase toda a colheita. Lá eles haviam chegado tarde demais. Mas ali ainda era possível salvar alguma coisa. Estavam cavando havia horas, mostrando às mulheres como esconder animais e alimentos debaixo da terra...

O Homem Forte trouxe o último saco de batatas desenterradas às pressas. Seu rosto rude estava vermelho devido ao esforço. Ele adquiria essa cor também quando lutava ou ficava bêbado. Juntos, depositaram o saco no esconderijo que haviam construído logo atrás dos campos. Nos morros em volta, os sapos coaxavam tão alto como se quisessem apressar

o dia, e Mo arrastou para a entrada o emaranhado de galhos que escondia o lugar dos soldados e cobradores de impostos. Entre os casebres, os sentinelas começavam a ficar inquietos. Eles também tinham visto as fadas. Sim, já era tempo de ir embora, de voltar para a floresta, onde sempre era possível encontrar um esconderijo, apesar de o novo governador mandar cada vez mais patrulhas para os morros. O Pardal, assim o haviam batizado as viúvas de Ombra. Um nome apropriado para o cunhado fracote do Cabeça de Víbora. Mas sua fome, do pouco que seus subordinados possuíam, era insaciável.

Mo passou o braço pelos olhos. Céus, estava cansado. Havia dias que quase não dormia. Eram simplesmente demasiados os vilarejos nos quais os soldados ainda poderiam aparecer.

— Você parece esgotado — disse-lhe Resa no dia anterior ao acordar ao seu lado, sem imaginar que ele só fora deitar quando já estava amanhecedo lá fora. E ele lhe falara de pesadelos, e que havia passado as horas de insônia trabalhando no livro que estava encadernando a partir dos desenhos dela, fadas e homens de vidro. Também naquele dia ele tinha a esperança de que Resa e Meggie estivessem dormindo quando voltasse à chácara solitária na qual o Príncipe Negro os havia acomodado, uma hora a oeste de Ombra e longe da terra onde o Cabeça de Víbora ainda governava, feito imortal por um livro que as suas próprias mãos haviam encadernado.

“Em breve”, pensou Mo. “Em breve deixará de protegê-lo.” Mas quantas vezes ele já se dissera isso. E o Cabeça de Víbora continuava imortal.

Uma menina se aproximou relutante. Quantos anos teria? Seis? Sete? Muito tempo se passara desde a época em que Meggie fora desse tamanho. Tímida, ela se deteve a um passo dele.

O Afanador saiu da escuridão e se aproximou da criança.

— Sim, olhe para ele! — murmurou para a pequena. — É ele mesmo! O Gaio. Criancinhas como você, ele come no jantar!

O Afanador adorava aquelas brincadeiras. Mo engoliu em seco as palavras que insistiam em sair da sua boca. A menina era loura como Meggie.

— Não acredite em uma única palavra do que ele diz! — sussurrou-lhe. — Por que você não está dormindo como os outros?

A criança olhou para ele. Depois arregaçou-lhe a manga até ser possível ver a cicatriz. A cicatriz de que falavam as canções...

Ela a olhava com olhos enormes, e uma mistura de respeito e medo que ele já vira em tantos olhos. O Gaio. A criança voltou para sua mãe e Mo se ajeitou. Sempre que o peito lhe doía, onde Mortola o ferira, parecia-lhe que havia entrado ali dentro — o ladrão a quem Fenoglio dera seu rosto e sua voz. Ou teria estado sempre ali, apenas adormecido, até que Fenoglio o despertara?

As vezes, quando traziam carne e alguns sacos de cereal roubados dos administradores do Pardal para um dos vilarejos famintos, as mulheres vinham até ele e beijavam-lhe as mãos.

— Vão agradecer ao Príncipe — ele lhes dizia, mas o Príncipe ria da ideia. — Arranje um urso — ele disse —, aí elas vão te deixar em paz.

Em um dos casebres, uma criança começou a chorar. A noite adquiria tons avermelhados, e Mo imaginou ouvir o trotar de cavalos. Cavaleiros, no mínimo uma dúzia, talvez mais. Rapidamente os ouvidos aprendiam a ler barulhos, muito mais rápido do que os olhos a decifrar letras. As fadas se dispersavam em todas as direções. As mulheres gritavam e corriam para os casebres onde dormiam seus filhos. A mão de Mo segurou a espada como se tivesse vontade própria. Como se nunca tivesse feito outra coisa. Era a mesma espada que ele levara do Castelo da Noite, a espada que pertencera ao Raposa Vermelha.

Alvorada.

Não diziam que eles sempre apareciam na alvorada porque adoravam o vermelho do céu? Tomara que estivessem bêbados, vindo de uma das intermináveis festas do seu senhor.

O Príncipe indicou aos ladrões o muro que circundava o vilarejo, não mais do que algumas camadas de pedras. As cabanas também mal poderiam oferecer abrigo. O urso arfava e gemia, e lá vinham eles saídos da escuridão: cavaleiros, mais de uma dúzia, o novo brasão de Ombra no peito, um basílico com fundo vermelho. Obviamente, eles não esperavam encontrar homens, mulheres chorando, crianças gritando sim, mas não homens, ainda mais homens armados. Perplexos, pararam os cavalos.

Sim, estavam bêbados. Bom. Isso os deixaria mais lentos.

Eles não hesitaram por muito tempo. Logo viram que estavam muito mais bem armados do que os ladrões maltrapilhos. E eles tinham cavalos.

Idiotas. Morreriam antes mesmo de perceber que o que contava era outra coisa.

— Todos! — murmurou o Afanador para Mo. — Temos que matar

todos eles, Gaio. Espero que o seu coração mole saiba disso. Se apenas um deles voltar para Ombra, amanhã este vilarejo estará em chamas.

Mo concordou com a cabeça. Como se ele não soubesse.

Os cavalos relincharam alto quando seus cavaleiros os incitaram em direção aos ladrões, e Mo sentiu novamente, como antes, na Montanha da Víbora, quando matara Basta — o sangue frio. Frio como a geada sob seus pés. O único medo que ele sentia era o medo de si mesmo. Então vieram os gritos. Os gemidos. O sangue. O próprio coração batendo, alto e rápido demais. Bater e afundar a espada, retirá-la da carne estranha, a umidade do sangue estranho em suas roupas, rostos deformados pelo ódio (ou seria medo?). Por sorte não era possível ver muita coisa por baixo dos elmos. Muitas vezes eles eram tão jovens! Membros decepados, pessoas decepadas. Cuidado, atrás de você: Mate. Rápido. Não deve soar nenhum.

Gaio.

Um dos soldados murmurou o nome antes que ele o matasse. Talvez em seu último suspiro ele tivesse pensado na prata que poderia receber no Castelo de Ombra por seu cadáver, mais prata do que um soldado poderia roubar durante toda a sua vida. Mo puxou a espada para fora do seu peito. Eles tinham vindo sem a sua armadura. Para que alguém precisaria de armadura contra mulheres e crianças? Ficava-se tão frio ao matar, apesar da ardência da pele e o sangue que fluía como numa febre.

Sim, mataram todos eles. Nas cabanas reinava o silêncio, quando jogaram os cadáveres morro abaixo. Dois pertenciam ao povoado e seus ossos se misturariam aos dos inimigos. Não eram tempos para enterros.

O Príncipe Negro tinha um corte feio no ombro. Mo lhe fez um curativo da melhor maneira possível enquanto o urso o acompanhava preocupado. Uma criança saiu de uma das cabanas, a menina que havia lhe levantado a manga. De longe parecia mesmo com Meggie. Meggie, Resa — tomara que ainda estivessem dormindo quando ele voltasse. Se não, como iria explicar todo aquele sangue? Todo aquele sangue.

“Em algum momento, as noites iriam sobrepor-se aos dias”, Mortimer, pensou. Noites sangrentas, dias de paz — dias em que Meggie lhe mostrava tudo aquilo que na torre do Castelo da Noite pudera apenas contar; ninfas, a pele coberta de escamas, em pântanos cobertos de pétales, pegadas de gigantes há muito desaparecidos, flores que sussurraram ao serem tocadas, árvores que cresciam até o céu, mulheres do musgo que

surgem entre suas raízes, como se tivessem se desprendido do tronco... dias de paz. Noites sangrentas.

Eles levaram os cavalos consigo e eliminaram ao máximo os vestígios da luta. Nas palavras de agradecimento que as mulheres balbuciavam ao se despedir, misturava-se o medo. Elas tinham visto com os próprios olhos que seus salvadores entendiam tanto da morte como seus inimigos.

O Afanador voltou ao acampamento dos ladrões com os cavalos e a maioria dos homens. Eles o mudavam quase todos os dias. Momentaneamente ficava num precipício escuro, que mesmo de dia mal deixava entrar a claridade. Mandariam buscar Roxane, para que ela cuidasse dos feridos. Enquanto isso, Mo voltaria para a chácara abandonada onde dormiam Resa e Meggie, lugar que o Príncipe havia conseguido para eles porque Resa não queria viver no acampamento dos ladrões, e também Meggie, que depois de todas aquelas semanas sem lar, tinha necessidade de uma casa.

O Príncipe Negro acompanhou Mo como fazia frequentemente.

— Claro. O Gaio nunca viaja sem sua comitiva! — zombou o Afanador antes de se separarem. Mo teve vontade de jogá-lo para fora do cavalo. O coração ainda batia acelerado demais por conta de todas aquelas mortes, mas o Príncipe o conteve.

Eles foram a pé. Dessa forma o caminho era dolorosamente longo para os seus membros cansados, mas seus passos seriam mais difíceis de seguir do que os dos cavalos. E a chácara tinha que continuar segura, já que tudo o que Mo amava estava ali.

A casa e os estábulos semidestruídos surgiram de repente por entre as árvores, como se alguém os houvesse esquecido lá. Dos campos que um dia haviam alimentado a chácara não restava nada. Também o caminho que um dia levava ao próximo vilarejo tinha desaparecido havia tempos. A floresta havia engolido tudo. Aqui já não se chamava a Floresta sem Caminhos, como ao sul de Ombra. Aqui ela tinha tantos nomes como vilarejos dentro dela: Floresta das Fadas, Floresta Escura, Floresta das Mulheres do Musgo. Ali, onde o ninho do Gaio se escondia, ela tinha o nome de Floresta da Cotovia, se fosse para acreditar no que o Homem Forte dizia. — Floresta da Cotovia? Bobagem. O Homem Forte dá nome de pássaros a tudo! Com ele, até as fadas recebiam nomes de pássaro, apesar de elas não suportarem os pássaros! — é o que dissera Meggie. — Baptista diz que ela se chama Floresta das Luzes. Combina bem mais,

ou você já viu alguma vez uma floresta com tantos vaga-lumes e elfos de fogo? E também todos os pirilampos nas copas das árvores à noite...

Independentemente de como se chamasse a floresta, a paz debaixo das árvores encantava Mo todas as vezes e o lembrava de que aquilo também pertencia ao Mundo de Tinta, assim como os soldados do Pardal. Os primeiros raios de sol se esgueiravam através dos galhos e coloriam as árvores de um dourado-pálido, e as fadas dançavam como se estivessem bêbadas nos frios raios de sol de outono. Elas voejavam diante do rosto peludo do urso até ele afastá-las com a pata, e o Príncipe, com um sorriso, segurou uma daquelas pequenas criaturas junto ao ouvido, como se pudesse compreender o que aquelas vozezinhas agudas resmungavam.

O outro mundo era assim também? Por que será que ele mal se lembrava? Tinha a vida por lá a mesma mistura apaixonante: de escuridão e luz, de horror e beleza — tanta beleza, que às vezes fazia com que ele se sentisse embriagado?

O Príncipe Negro colocara os seus homens para tomar conta da chácara dia e noite. Hoje era o Lagartixa um deles. Ele saiu do chiqueiro em ruínas com expressão de mau humor quando eles surgiram por entre as árvores. Lagartixa estava sempre em movimento, um homem baixinho com olhos levemente salientes, o que lhe dera aquele apelido. Um de seus corvos domesticados estava parado sobre seu ombro. O Príncipe usava os pássaros como mensageiros, mas na maioria das vezes eles roubavam para Lagartixa no mercado. Mo ficava sempre impressionado com tudo o que eles conseguiam carregar em seu bico.

Quando viu o sangue em suas roupas, Lagartixa ficou pálido. Mas, aparentemente, a chácara solitária continuava intocada pelas sombras do Mundo de Tinta aquela noite.

Mo quase tropeçou de cansaço sobre os próprios pés quando ia até o poço, e o Príncipe segurou-o pelo braço, mesmo cambaleando ele próprio de cansaço.

— Hoje foi por pouco — disse em tom tão baixo, como se temesse que a sua voz espantasse a paz, feito uma aparição fantasmagórica. — Se não formos mais cuidadosos, da próxima vez os soldados já estarão nos esperando no próximo vilarejo. Com a recompensa que o Víbora está oferecendo pela sua cabeça dá para comprar Ombra inteira. Eu mal confio nos meus homens ainda e nos vilarejos até mesmo as crianças te reconhecem. Talvez você devesse ficar aqui por um tempo.

Mo espantou as fadas que voejavam sobre o poço e puxou o balde de madeira para fora.

— Bobagem. Eles conhecem você também.

A água brilhava no fundo, como se a lua tivesse se escondido lá dentro antes do amanhecer. “Como no poço diante da cabana de Merlin”, pensou Mo enquanto refrescava o rosto com a água limpa e lavava o corte no antebraço que algum dos soldados lhe fizera. “Só faltava Arquimedes vir voando até o meu ombro e Wart surgir de dentro da floresta...”

— Por que esse sorriso? — O Príncipe Negro encostou-se no poço ao seu lado enquanto o seu urso rolava resfolegante na terra coberta de orvalho.

— Por causa de uma história que eu li uma vez — Mo colocou o balde de água diante do urso. — Um dia eu teuento. É uma boa história. Mesmo com um final triste.

Mas o Príncipe fez que não com a cabeça e passou a mão sobre o rosto cansado.

— Não, se tem um final triste, eu não quero saber.

O Lagartixa não era o único que tomava conta da chácara adormecida. Mo sorriu ao ver Baptista saindo do celeiro em ruínas. Baptista não gostava muito de lutas, mas de todos os ladrões era dele e do Homem Forte de quem Mo mais gostava, e parecia-lhe mais fácil sair à noite quando um dos dois guardava o sono de Resa e Meggie. Baptista continuava se apresentando como bufão nos mercados, mesmo que os seus espectadores mal tivessem uma moeda sobrando. — Eles não devem perder totalmente a capacidade de rir! — ele dizia, quando o Afanador caçoava dele por isso. Ele gostava de esconder o seu rosto marcado pela varíola por trás das máscaras que ele mesmo confeccionava, sorridentes, chorosas, dependendo do seu humor no momento. Mas ao se aproximar de Mo no poço, ele não lhe entregou uma máscara, mas um pacote de roupas pretas.

— Saudações, Gaio — ele disse com a mesma reverência com que saudava o seu público. — Sinto por ter demorado um pouco mais com a sua encomenda. A linha tinha acabado. É um produto em falta em Ombra, como todo o resto, mas por sorte o Lagartixa — ele se curvou em sua direção — mandou um de seus amigos de penas negras para que roubasse alguns carretéis de um desses comerciantes, que, graças ao nosso novo governador, ainda são ricos.

— Roupas pretas? — O Príncipe lançou a Mo um olhar interrogativo. — Para que isso?

— Roupas de encadernador. Esta continua sendo a minha profissão, você esqueceu? E à noite o preto é uma boa camuflagem. Isto aqui — Mo tirou a camisa manchada de sangue — eu deveria tingir de preto. De outro modo mal vou poder usar.

O Príncipe olhou para ele pensativo. — Vou dizer novamente, mesmo que você não queira ouvir. Fique alguns dias aqui. Esqueça o mundo lá fora, assim como ele esqueceu esta chácara.

A preocupação no rosto escuro comoveu Mo, e, por um momento, ele quase sentiu a tentação de devolver o pacote negro a Baptista. Mas foi somente quase.

Quando o Príncipe foi embora, Mo escondeu a camisa e a calça manchadas de sangue na antiga casa com fornalha que ele havia transformado em oficina e vestiu as roupas pretas. Elas serviram perfeitamente, e ele as estava usando quando se esgueirou de volta para a casa. Juntamente com a manhã que entrava pelas janelas sem vidros.

Meggie e Resa ainda dormiam. Uma fada havia entrado por engano no quarto de Meggie. Com algumas palavras em voz baixa, Mo a atraiu para a sua mão. — Vejam só — dizia Afanador sempre. — Até mesmo as malditas fadas adoram a sua voz. Eu sou realmente o único a quem ela não enfeitiça. Mo levou a fada até a janela e deixou-a voar para fora. Ele cobriu Meggie, como todas as noites em que houvera apenas eles dois, e observou o seu rosto. Dormindo ela parecia tão jovem. Acordada parecia bem mais adulta. Ela murmurava um nome enquanto dormia. Farid. Será que nos tornamos adultos quando nos apaixonamos pela primeira vez?

— Onde você esteve?

Mo virou-se. Resa estava parada na porta e esfregava os olhos para espantar o sono.

— Fui ver as fadas durante a sua dança matinal. As noites estão ficando cada vez mais frias. Em pouco tempo elas quase não vão mais sair dos seus ninhos.

De qualquer forma não era uma mentira. E as mangas do casaco negro eram longas o suficiente para esconder o corte em seu antebraço.

— Vem, senão iremos acordar a nossa filha mais velha.

Ele a levou para o quarto onde dormiam.

— Que roupas são essas?

— Roupas de encadernador. Baptista as costurou para mim. Pretas como tinta. Combina, não? Eu pedi a ele que cortasse algo também para você e para Meggie. Em breve você vai precisar de um vestido novo.

Ele colocou a mão sobre a sua barriga. Ainda não se podia ver. Uma nova criança, trazida do antigo mundo, mas só percebida nesse. Não fazia nem uma semana que Resa lhe contara. — O que você prefere, uma filha ou um filho? — Eu posso preferir algo assim? — perguntou ele, tentando imaginar como seria ter pequenos dedos novamente em suas mãos, tão pequenos que mal conseguiram segurar seu polegar. Na hora certa — agora que Meggie estava tão crescida que já não podia mais chamá-la de criança.

— O enjoo está piorando. Amanhã vou falar com Roxane. Ela com certeza sabe o que fazer.

— Com certeza. — Mo a abraçou.

Dias de paz. Noites sangrentas.

